

# TESTES DE SEGURANÇA

**Exame** É comum encontrar brinquedos com rotulagem desadequada, inflamáveis ou que se partam facilmente. Comprar barato pode sair caro

## A tortura dos brinquedos

### Só dois laboratórios fazem ensaios

Textos **CRISTINA BERNARDO SILVA**  
Fotos **JOSÉ VENTURA**

A expressão é de agonia. Um simpático cãozinho de peluche tem presa a um olho uma garra de metal, que lho vai puxando, esticando-o. Felizmente, a força máxima de 90 newtons, prevista na norma europeia para este teste, não atinge o objectivo: desprender-lhe a vista. A prova é superada.

Trata-se de um ensaio de tracção e é realizado no Centro de Apoio Tecnológico à Indústria Metalomecânica (CATIM), no Porto — um dos dois laboratórios acreditados que testam brinquedos em Portugal.

Estes vão lá parar a pedido de fabricantes ou importadores mais cautelosos (uma minoria), mas também na sequência de apreensões da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), a entidade que fiscaliza o sector. São sujeitos a uma bateria de testes, até à aprovação ou ao chumbo, desde análises químicas a ensaios de inflamabilidade. Sobretudo se se destinarem a crianças até três anos de idade, as mais vulneráveis e imprevisíveis na interacção com brinquedos.

Margarida Alves é responsável pelo laboratório do Centro Nacional de Embalagem (CNE), o outro organismo a realizar ensaios, que funciona nos arredores de Lisboa. A maioria dos brinquedos testados apresenta problemas de ordem física e mecânica, assim como deficiências na rotulagem, diz. Já as análises químicas, que visam detectar quantidades excessivas de oito metais pesados — como chumbo, mercúrio, crómio ou arsénio — raramente revelam que houve uma violação das normas.

Por seu lado, a responsável pelo laboratório do CATIM, Angelina Pinto, garante que as etiquetas com informação errada são uma constante. “Embora os brinquedos maleáveis com enchimento se destinem a menores de três anos, a etiqueta refere muitas vezes que são para crianças com idades superiores. Os fabricantes pensam que estão a proteger-se, quando estão a infringir a lei”. Segundo a responsável do CATIM, “utiliza-se na rotulagem um palavreado típico sem se olhar à especificidade do produto”. Além disso, “quando se diz ao consumidor que os menores de três anos não podem usar aquele brinquedo, tem que se explicar porquê e isso nem sempre é feito”, refere. Quanto à inflamabilidade, garante que já são raros os

#### FISCALIZAÇÃO DA ASAE

# 72.463

brinquedos, no valor de €90.170, foram apreendidos no ano passado pela ASAE

# 61

processos de contra-ordenação — por falta de segurança, de marcação CE, rotulagem, tradução ou menções obrigatórias — instaurados em 2007

# 28

operações da ASAE resultaram na apreensão de brinquedos, durante o mesmo período, tendo sido fiscalizados 199 operadores económicos

# 60%

dos brinquedos, a nível mundial, são produzidos num único país: China

bonecos que não cumprem as normas. A maioria não chega a inflamar-se ou a chama auto-extingue-se.

Os brinquedos menos seguros, de uma forma geral, são os que se vendem nas lojas chinesas e afins, embora os de marca também apresentem por vezes problemas. “As marcas têm uma imagem a preservar e um controlo de qualidade apertado que os pequenos fabricantes não têm”, explica Margarida Alves.

No CNE (com equipamentos e instalações mais modernos do que o CATIM), bocados de uma lagarta de plástico barata partem-se sempre que é atirada ao chão ou submetida ao ensaio de impacto. Os mesmos testes feitos num brinquedo semelhante de marca revelam que este é seguro e resistente. Outra prova em que a lagarta não passa é a das pequenas peças soltas. No interior de um cilindro com um diâmetro de 31,7 mm, que simula a garganta de uma criança menor de três anos, formas de plástico que servem para encaixar nas costas do insecto são colocadas com a maior facilidade, quando é suposto não chegarem sequer a entrar.

Mas da mesma forma que existem brinquedos de marca perigosos — como demonstram aliás a retirada do mercado europeu, no ano passado, de milhões de brinquedos da Mattel produzidos na China —, também há aqueles que embora de origem duvidosa resistem aos testes mais exigentes. É o caso de uma pequena galinha de plástico com bolinhas coloridas no interior, que serve para demonstração de um ensaio de impacto do CATIM. Há 14 anos que leva com uma massa de um quilo em cima, sem nunca se ter quebrado. O mesmo acontece com um triciclo que, após percorrer uma pequena distância à velocidade de dois metros por segundo com uma massa de 50 quilos no assento, choca contra um desnível que pretende simular um passeio. Fica sempre intacto.

Além de brinquedos, o CATIM realiza ensaios em artigos de puericultura, como camas e carrinhos para bebé, sendo o único no país a fazer este tipo de testes. Atirar um pêndulo contra a cama ou simular, com uma massa de 15 quilos, os saltos de uma criança para verificar a resistência do estrado são provas frequentes. Assim como o controlo dimensional, que permite controlar a distância entre as grades, por exemplo. Outro teste consiste em colocar um carrinho para bebé, num tapete com desníveis, a rolar durante 24 horas. O objectivo é ver se se parte e se mantém a qualidade dos travões e mecanismos de fecho. Tudo em nome da segurança dos mais pequenos.

cbsilva@expresso.pt



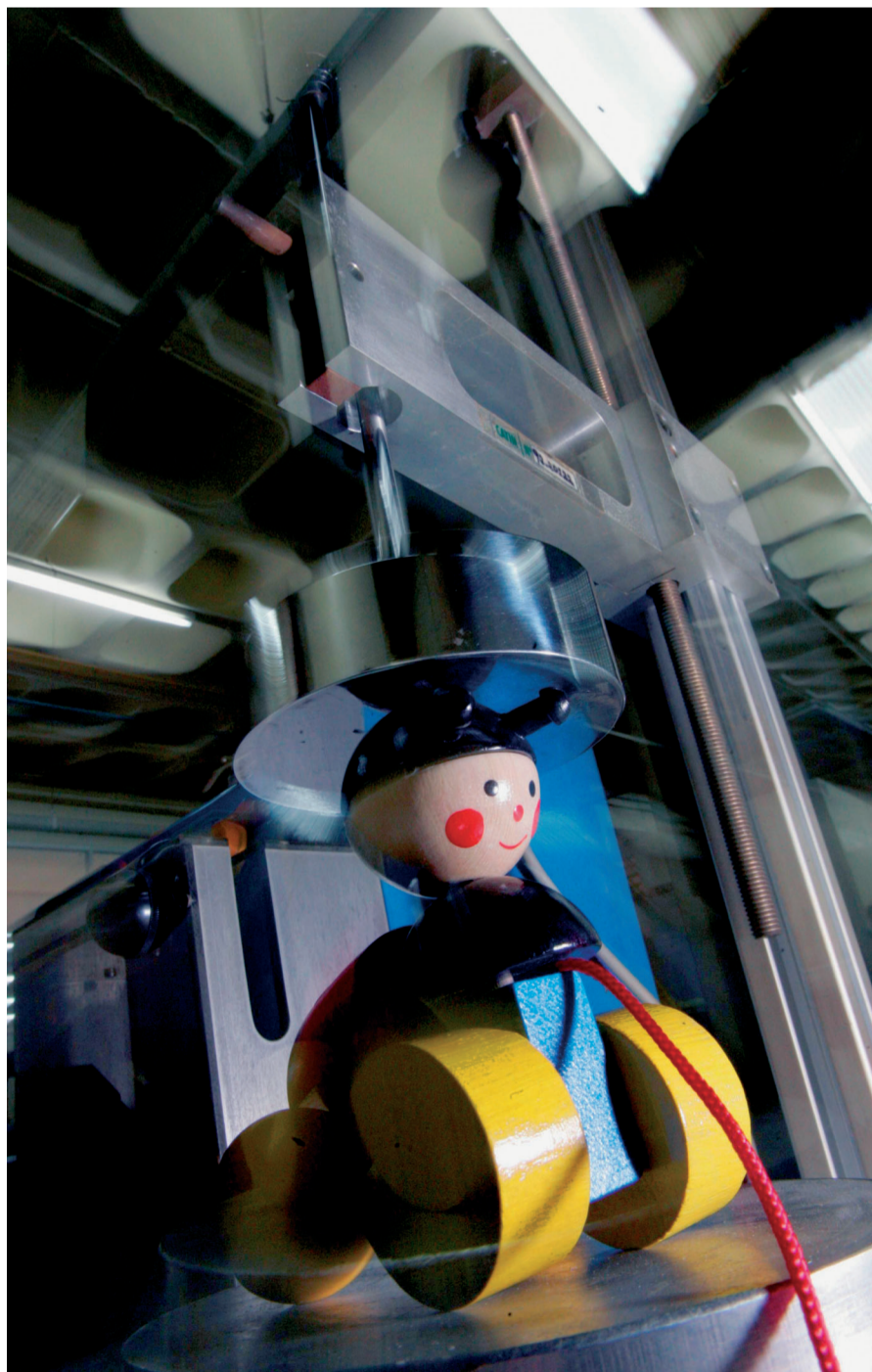
Veja a fotogaleria em

[www.expresso.pt/fotogalerias](http://www.expresso.pt/fotogalerias)



**CONSELHOS AOS ADULTOS**

- Teste o brinquedo ainda na loja. Se for para crianças até três anos, passe a mão pelas arestas, pontas e bordos. Verifique se há peças pequenas que possam ser arrancadas facilmente (como olhos, o nariz ou pêlos, no caso dos peluches). Verifique costuras e o acesso a compartimentos com pilhas.
- Antes de dar o brinquedo à criança, anote ou guarde a identificação ou morada do fabricante ou importador. Poderá precisar dela caso ocorra um acidente ou venha a verificar que o brinquedo é perigoso.
- Se tiver filhos de idades diferentes, não deixe que os mais novos utilizem os brinquedos dos mais velhos. Tenha em conta que cada criança é diferente da outra e que embora da mesma idade, duas crianças podem ter preferências distintas. Uma pode levar os brinquedos à boca, enquanto a outra não o faz, por exemplo.
- Evite adquirir brinquedos para crianças pequenas que tenham cordas ou fios compridos. Podem sufocar.



No centro de teste de brinquedos são analisados anualmente cerca de 130 brinquedos (2 mil ensaios). Aqui, um cão de peluche passa no teste de tracção, mantendo o olho. Um gato de tecido esvai-se numa espécie de neve granulada, depois de queimado, mas a velocidade de propagação do fogo não viola a norma. Uma joaninha de madeira resiste ao impacto

**TESTE A PELUCHE**

**Chumbar na rotulagem**

Apesar do aparato da foto ao lado, o peluche que o Expresso comprou numa loja chinesa foi aprovado em vários ensaios realizados no Centro Nacional de Embalagem. No teste de inflamabilidade, ardeu devagar; nos ensaios de tracção mostrou que as costuras são resistentes a uma força de 70 newtons, e os olhos também provaram não sair facilmente. A rotulagem é que não está em conformidade. Refere que o brinquedo se destina a maiores de três anos, quando não há motivo para isso, e que contém peças pequenas que podem soltar-se, o que não é verdade. Além disso, o peluche foi adquirido dentro de um embrulho de plástico transparente que pode representar um perigo de asfixia.

**Marcação CE transmite falsa segurança aos consumidores**

**O símbolo CE não é sinónimo de brinquedo seguro. Esta marcação não passa de uma declaração do próprio fabricante, que afirma assim respeitar as normas**

“A marcação CE é de facto um problema”, assegura Teresa Belchior, técnica de segurança da Deco, associação de consumidores que, em Novembro, comprou 30 brinquedos, que submeteu a vários testes (18 dos quais se revelaram perigosos).

A ideia generalizada é a de que a marca CE significa que o artigo foi submetido a uma série de testes que a lei exige, realizados por um organismo independente, e que, por isso, está apto a ser colocado no mercado, sem implicar qualquer risco para o consumidor. No entanto, o símbolo quer apenas dizer que, “em princípio, o brinquedo está de acordo com as normas em vigor”, refere Teresa Belchior. Trata-se de uma garantia que é dada pelo próprio fabricante ou importador.

Uma solução para esta questão poderia passar pela abolição da marcação CE no brinquedo, que passaria a ser remetida para o dossiê técnico do produto, como defende o BEUC, organização de consumidores europeia.

Para Teresa Belchior, também o facto de as normas em vigor não acompanharem a evolução tecnológica dos fabricantes como seria desejável agrava a questão da segurança dos brinquedos. “Para as pistolas de brincar, a norma prevê os requisitos aos quais os projecteis sólidos devem obedecer, mas não refere os projecteis líquidos”, exemplifica a técnica de segurança.

Por seu lado, a secretária-geral da Associação para a Promoção da Segurança Infantil (APSI), Helena Sacadura Botte, reconhece que seria muito difícil um organismo independente fazer os ensaios necessários a todos os novos brinquedos antes que estes fossem colocados à venda, assim como considera ser impossível uma fiscalização de todos eles. “Todos os dias vão para o mercado dezenas de novos brinquedos”, salienta.

“O importante é que os adultos — pais, educadores, etc. — tenham eles próprios esse papel de fiscais do mercado, através da utilização normal dos brinquedos. Caso estes apresentem problemas, os pais devem queixar-se em vez de deitarem o brinquedo ao lixo”. Para ajudar os adultos nessa tarefa, a APSI pode ser contactada, garante.

Também a Deco disponibiliza, desde Dezembro, um formulário para que os consumidores possam queixar-se de brinquedos que consideram pouco seguros. As reclamações, que segundo Teresa Belchior têm chegado em número elevado, são depois encaminhadas pela associação para a ASAE, que fiscaliza o sector.